

Nomeação e designação na cobertura jornalística dos atos de 8 de janeiro de 2023 em Brasília¹

Witor Santos Silva²

Marluza Terezinha da Rosa³

Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen

RESUMO

A pesquisa propõe uma análise sobre como o jornalismo nomeia e designa os acontecimentos e sujeitos, pautando-se no caso dos Atos de 8 de janeiro de 2023 em Brasília, quando um grupo de pessoas se dirigiu à Praça dos Três Poderes, rompeu as barreiras de proteção, adentrou em prédios públicos e resultou na detenção de 2.151 pessoas em flagrante. O estudo visa compreender o processo discursivo jornalístico, explorando oito manchetes e linhas de apoio dos portais G1 e Folha de S. Paulo, debatendo os efeitos das designações. Neste sentido, as ações foram abordadas em manchetes como vandalismo ou depredação, destacando apenas as consequências materiais. Ao evitar citar especificamente “bolsonaristas” como atores no evento, os veículos limitaram a compreensão de tais ações enquanto desafios à democracia.

PALAVRAS-CHAVE

Acontecimento; Atos em Brasília; Discurso Jornalístico; Nomeação e Designação.

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, que resulta de uma monografia, exploramos a maneira com que um acontecimento é construído pelo jornalismo. Para realizar essa tarefa, situamo-nos em uma perspectiva discursiva, sob a ótica da Análise Materialista do Discurso. O foco de estudo consiste nos Atos de 8 de janeiro de 2023 em Brasília, quando um grupo de pessoas marchou em direção à Praça dos Três Poderes, rompeu as barreiras de proteção

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Produção de Sentido na Mídia Digital), evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante do 8º semestre do curso de Jornalismo Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen, silva.witor@acad.ufsm.br

³ Professora Adjunta do curso de Jornalismo Bacharelado da Universidade Federal de Santa Maria - Campus Frederico Westphalen

e adentrou em prédios públicos. Houve depredação dos edifícios e 2.151 pessoas foram detidas em flagrante. Esta pesquisa tem como principal objetivo averiguar como dois portais de notícia, G1 e Folha de S. Paulo, construíram a imagem dos sujeitos envolvidos nos atos e, possivelmente, esse evento como acontecimento jornalístico e discursivo. Tendo em vista essa problemática como objetivo principal, o estudo propõe os seguintes objetivos específicos: a) compreender o processo de constituição, formulação e circulação do discurso jornalístico; b) explorar a construção do acontecimento por meio das manchetes dos portais de notícias; c) discutir os efeitos de sentido produzidos a partir da designação dos indivíduos presentes no ato.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a constituição do alicerce teórico deste estudo é adotada a linha teórica da Análise Materialista de Discurso (AD) proposta por Pêcheux e Orlandi. A AD, segundo Orlandi (2005, p. 10), é uma abordagem que “ teoriza como a linguagem é materializada na ideologia e como esta se manifesta na linguagem”, de forma a auxiliar na reflexão sobre o processo jornalístico pela perspectiva discursiva. Outros conceitos também foram base para essa pesquisa, tais como: acontecimento, formação discursiva e designação, esta última uma noção não discursiva.. Além disso, para conectar a prática jornalística com a AD, são articuladas algumas noções que compõem o fazer jornalístico, tais como: ética, moral e deontologia; do jornalismo na defesa da democracia, o jornalismo como construção; os critérios de noticiabilidade e valores-notícia.

METODOLOGIA

O arquivo do estudo foi constituído por meio da busca avançada do Google, com a inserção do termo “Brasília”. Esse termo foi escolhido devido à dificuldade de encontrar uma expressão que delimita um evento que, apesar de ser referido nesta pesquisa como “atos de 8 de janeiro em Brasília”, não tem nome. Por esse motivo, esse termo foi escolhido devido à constante presença da referência ao lugar, nesse caso, a cidade de Brasília. Além disso, foram incluídas restrições de busca: restrição de sites

(“<https://g1.globo.com>” e “<https://www1.folha.uol.com.br>”), restrição cronológica (publicações situadas entre os dias 8 e 9 de janeiro de 2023) e restrição de duplicações fornecida pelo Google, que oculta resultados que possam ser idênticos. O critério para seleção do portais foi o ranking de audiência da Comscore, que aponta que o portal do jornal Folha de S. Paulo e o G1 são líderes de audiência em sites de notícia multiplataforma (computadores e dispositivos móveis) no Brasil. Com o arquivo constituído foram selecionadas oito notícias, quatro de cada portal, que houvesse o emprego da nomeação.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Antes de aprofundar a análise, se fez necessário apresentar um panorama sócio-histórico brasileiro no momento anterior aos Atos em Brasília, destacando algumas das condições de produção do discurso relacionadas à memória. Como define Orlandi (2007), essas condições compreendem os sujeitos e a situação, portanto, podemos considerar “as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2007, p. 30). Esse processo de resgate histórico não é encarado de forma individual, mas sim como se fosse um tecido, uma malha atravessada por uma memória coletiva. Quando essa memória é pensada em relação ao discurso, a tratamos como interdiscurso, que, no acontecimento em análise nesta pesquisa, é atravessado pelo contexto sócio-histórico que o Brasil passou anteriormente aos atos.

ANÁLISE

Em nossa análise, chegamos ao entendimento de que os portais construíram os envolvidos nos atos de diversas maneiras, mas sempre no sentido de haver uma separação do “bolsonarismo” em grupos, com posições distintas em relação ao rompimento com a democracia. Nesse sentido, entendemos que houve um certo cuidado em não generalizar os “bolsonaristas” como “terroristas” e “golpistas”, dois termos que também estão inseridos em um recorte histórico e provocam sentidos. O primeiro, em

relação ao 11 de setembro, e o segundo em relação ao Golpe de 1964. No entanto, há de se ressaltar que o sentido não existe em si, ele é determinado pelas formações ideológicas, pela inserção do sujeito em um tecido histórico (e ideológico) que desperta sentidos por meio da memória. Por esse motivo, as pesquisas em Análise do Discurso não geram resultados da mesma forma que outras áreas do conhecimento, mas sim, provocam reflexão. Isso se dá porque as percepções sempre serão distintas, porque o resgate histórico de sentido também será distinto.

Logo, é impossível afirmar categoricamente que esses veículos defenderam ou não a democracia, mas é factível empreender algumas reflexões.

Essas diferentes produções de sentidos se devem às inserções dos sujeitos em diferentes formações ideológicas.

Podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas "tiram" seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. (ORLANDI, 2007, p. 42-43).

Entende-se então que, apesar de as palavras possuírem um significado comum na língua, os sentidos produzidos por elas não são comuns.

As formações discursivas determinam o que se deve ou não se deve dizer e de que forma dizer, e a ética jornalística tem funcionamento semelhante. Dessa forma foi entendido que, no recorte estudado, o jornalismo pode construir esse acontecimento como atentado e vandalismo ao patrimônio público e invasão aos prédios dos três poderes, mas não foi possível conceber o acontecimento como uma tentativa de golpe de Estado ou como ataque à democracia. Os envolvidos, por sua vez, puderam ser designados como golpistas, terroristas e bolsonaristas, mas estes não puderam ser designados, em sua totalidade, como golpistas.

As chamadas e linhas de apoio foram construídas com um cuidado em não nomear os bolsonaristas de forma isolada, ao contrário, o termo “bolsonaristas” apareceu nas sequências discursivas sempre acompanhado de outro, tais como: terroristas, golpistas e radicais. Compreendemos que essa designação funciona de forma a dividir a responsabilidade das ações, não recaindo esta sobre os “bolsonaristas”, mas sim sobre um grupo específico dentro do bolsonarismo, que foi setorizado entre aqueles

que são contra e a favor de um rompimento democrático. Na única vez em que o termo apareceu isolado, não houve conexão com a ação.

Na seção em que tratamos das condições de produção, apresentamos diversas falas de Bolsonaro em ataque às instituições democráticas, portanto, cabe a indagação: se ele próprio teve falas contra a democracia, seria possível ser bolsonarista sem ser antidemocrático? Por meio da análise, essa pesquisa entendeu que o discurso jornalístico materializado nos dois portais observados contribuiu para uma compreensão de que o bolsonarismo não poderia ser antidemocrático.

Prosseguindo o estudo, observamos como os atos foram nomeados e designados pelos veículos. Há de se ressaltar mais uma vez a particularidade do acontecimento em análise, de por si só não possuir nome, cabendo aos portais nomeá-lo. Como aponta Guimarães (2003), dar nome a algo é dar existência histórica, portanto, G1 e Folha de S. Paulo conceberam os Atos como acontecimento histórico e os construíram como acontecimento jornalístico e discursivo. Apontamos aqui que um dos desdobramentos possíveis do presente estudo está na análise dos Atos como um acontecimento jurídico.

No recorte selecionado, de maneira geral, os veículos categorizam as ações como vandalismo ou depredação. Podemos pensar no funcionamento da designação desses termos no entendimento de que parece sugerir um enfoque nas consequências materiais, nesse caso específico, aos prédios públicos. Há ainda o emprego do termo “ataques”, que se entende como um ação contra algo ou alguém. Nesse contexto, surge a indagação sobre o que seria o alvo dos envolvidos.

CONCLUSÃO

Concluimos que ao não nomear os “bolsonaristas” de forma destacada, mas sim, associando o termo a outros, os portais acabam por setorizar o “bolsonarismo”, dificultando o entendimento de que esse grupo seja antidemocrático. Além disso, ao qualificar os atos como vandalismo, os portais restringem a relação aos efeitos das ações, afastando-se da compreensão dos Atos como um atentado ao Estado Democrático de Direito.

REFERÊNCIAS

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. In: TASCETTO, Tania. **Língua e Literatura: Limites e Fronteiras**. Santa Maria, RS: 26. ed. [s. n.], 2003, p. 53-62

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: 7. ed. Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. **Estudos da Língua(gem)**: Michel Pêcheux e a Análise de Discurso. Vitória da Conquista, BA: 1. ed. [s. n.], 2005.